

# PERCEÇÃO DO ESQUEMA CORPORAL SOBRE A DEFICIÊNCIA FÍSICA À LUZ DA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

Hésia Marques da Silva Mota \*

## RESUMO

Este artigo faz referência a percepção do esquema corporal sobre a deficiência física à luz da filosofia de Merleau-Ponty alicerçado no aspecto fenomenológico com foco na obra *A fenomenologia da Percepção* (1945), cujo conceito de corpo-próprio está aprofundado. Nessa perspectiva, expomos as concepções entrelaçadas de percepção e de esquema corporal, argumentamos sobre a construção do conceito do corpo com deficiência física e de como podemos torná-lo mais social e desvinculado do pensamento dualista. Assim, passamos pela compreensão da deficiência nos *Disability Studies* e explicamos que com essa visão filosófica temos um olhar menos dicotômico e mais humano diante desse corpo.

## PALAVRAS-CHAVE

Percepção. Esquema corporal. Deficiência física. Fenomenologia. Filosofia.

## ABSTRACT

This article refers to the perception of the body scheme regarding physical disability in the light of Merleau-Ponty's philosophy based on the phenomenological aspect with a focus on the work *The Phenomenology of Perception* (1945), whose concept of the body itself is in-depth. From this perspective, we expose the intertwined concepts of perception and body schema, we argue about the construction of the concept of the body with physical disability and how we can make it more social and disconnected from dualistic thinking. Thus, we go through the understanding of disability in *Disability Studies* and explain that with this philosophical vision we have a less dichotomous and more human look at this body.

## KEYWORDS

Perception. Body scheme. Physical disability. Phenomenology. Philosophy.



## INTRODUÇÃO

Muitas formas de dominação ditaram os modelos de existência física na nossa história e como consequência carregamos uma marca na caracterização do como olhamos a nós mesmos e aos outros, cuja percepção de nossos próprios corpos é moldada por essa herança social, cultural e filosófica dualista, racional, de repressão sexual, na qual nos voltamos os olhares apenas para uma significação física, na qual, assim como um mundo, o corpo se torna cada vez mais material, padronizado e “abjetificado”<sup>1</sup> facilmente descartável e substituível, por sua vez, percebido como um todo fragmentado e não apenas como a soma de suas partes, inclusive o olhar. E é diante desse contexto que iremos discutir a problemática da percepção corporal sobre a deficiência física à luz da filosofia de Merleau-Ponty, com o objetivo de compreender o conceito de esquema corporal voltado

\* Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí- UESPI - Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, PPGFIL, pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. E-mail: hesla.psi@gmail.com.

1 A abjeção, conceito pensado primeiramente pela psicanalista francesa Julia Kristeva em *Pouvoirs de l'horreur* (1980), foi retomada por Judith Butler em seu *Gender trouble*, de 1990. Ainda que tenha se mostrado crítica da abordagem teórica que Kristeva desenvolve em sua psicanálise (essencialista, heterocêntrica e exercendo uma colagem entre feminino e maternal, segundo Butler), a filósofa estadunidense retoma seu conceito de abjeção a fim de pensar os gêneros e sexualidades fora da norma. Butler aplica o conceito de abjeção às existências que não se encaixam nos parâmetros normativos heterossexuais, retomando seu caráter fronteiro, de exclusão. (Rodrigues e Gruman, 2021, p. 3). A deficiência física faz parte dessa existência que não se encaixa, assim como esses outros, são abjetos.

para a percepção e para a ideia de corpo-próprio, e com isso explicar a deficiência física como uma construção de pensamento e não apenas como um conceito estritamente médico ou psicológico.

O presente artigo aborda termos e conceitos que se entrelaçam e também fundamentam o tema central, visto que o reflexo deles traz um arcabouço dessa visão de corpo. E isso nos ajuda a tencionar essa forma de olhar para uma fenomenologia da corporeidade através da percepção corporal sobre o corpo com deficiência física. Como base da nossa argumentação nos utilizaremos de preceitos da filosofia de Maurice Merleau-Ponty, uma vez que ela nos traz uma compreensão de ser humano que vai além de um corpo físico ou objeto de estudo, leva-nos a um ser perceptivo em sua relação ao mundo, percepção esta, primeira, direta e imediata, que não se pode reduzir a um simples associado de impressões e julgamentos. Ele explica que um fenômeno pode ser entendido como algo onde o sujeito e o mundo são integrados e que esse mesmo sujeito é perceptivo.

Um grande marco nos estudos sobre a deficiência aconteceu no Reino Unido nos anos de 1970, no qual o movimento pelos direitos das pessoas com deficiência surgiu com o nome “*Union of the Physically Impaired Against Segregation* (União das pessoas com deficiência física contra a segregação) - UPIAS (1976)”. (Nepomuceno, 2019, p. 2). É possível encontrar essa sigla em diversas literaturas sobre *Disability Studies*<sup>2</sup>, nas quais apontam a luta desse grupo na desconstrução do conceito de deficiência como forma de empoderamento e visibilidade.

Um das concepções que ele faz referência é a de corpo-próprio, que este ao longo dos anos foi visto pela ciência e essencialmente pelos racionalistas de que ele seria como um mero objeto no mundo e estaria a serviço sempre da ciência. Porém, para Merleau-Ponty, este corpo-próprio é o elemento fundamental de nossa relação com o mundo, sem ele não conheceríamos e nem reconheceríamos os outros corpos que habitam com ele. Assim, ele não deveria ser tido apenas como um motor que possa ser desligado a qualquer momento e estabelecido seja em qual for estrutura no mundo como uma peça que possa ser retirada ou esquecida e ser usada quando for conveniente. Pois, além de perceber este mundo, ele se percebe nele, mas não como seu instrumento, mas como fazendo parte do mesmo.

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema. Quando caminho em meu apartamento, os diferentes aspectos sob os quais ele se apresenta a mim não poderiam aparecer-me como os perfis de uma mesma coisa se eu não soubesse que cada um deles representa o apartamento visto daqui ou visto dali, se eu não tivesse consciência de meu próprio movimento e de meu corpo como idêntico através das fases desse movimento. (Merleau-Ponty, 1999, p. 273).

O filósofo ao falar da percepção faz uma crítica à noção de que se tinha acerca dela. Ele aborda o resgate dos sentidos através das sensações corpóreas e dos movimentos envolvidos. Durante muito tempo, fazia-se uma distinção, entre sensação e percepção como se elas estivessem limitadas aos estímulos externos, em um nível inferior ao da percepção. Merleau-Ponty eleva a percepção de forma radicalizada, ao propô-la como único meio pelo qual o corpo-próprio se relaciona ao mundo e o conhece e significa, que vai além de qualquer sentido corpóreo, pois não se limita, mas se expande no contato com o mundo e o próprio corpo. A percepção do esquema corporal pelo possuidor do corpo-próprio em sua efetividade e não um intelecto puro é o que corresponde ao verdadeiro conhecimento.

A partir desse conceito podemos tomá-lo com base para a percepção, uma vez que ela se dá na expressão desse corpo ao mundo, na relação com o mundo vivido e perceptível, na experiência primeira. E com isso possamos entender de que forma esses conceitos nos levam a uma melhor compreensão, por um outro viés, da deficiência física, que não só aquelas voltadas à medicina e a psicologia.

---

2 Uma rede mais radical surgiu a partir de uma carta escrita por Paul Hunt, residente de uma instituição de caridade, ao jornal *The Guardian*, sugerindo que as pessoas com deficiência organizassem um grupo de consumidores. Em 1974, isso levou à formação da União dos Deficientes Físicos contra a Segregação (UPIAS), uma rede radical de base que formulou o que Oliver (1983) mais tarde chamou de “modelo social da deficiência” em sua publicação principal, *Princípios Fundamentais da Deficiência*. (UPIAS, 1976). Ao mesmo tempo, outros grupos, como as Irmãs contra a Deficiência e a Rede de Libertação de Pessoas com Deficiência, desenvolviam a ideia da deficiência como uma opressão social. (Albrecht, 2001, p. 549, tradução nossa). Esse movimento foi incorporado em diversos campos de luta e estudos como ciências sociais, humanas e biológicas e hoje levamos à filosofia mais precisamente.

O artigo se divide em dois momentos, no primeiro explica o corpo com deficiência voltado para o “*disability studies*” e no segundo apresenta uma explicação do esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty e ao final expõe-se as considerações finais.

### O CORPO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Não trataremos aqui de explicar anatomicamente e fisiologicamente a deficiência física, apesar de precisarmos da conceitualização do termo como ponto de partida para observarmos como essa construção se moldou pelo segmento médico normativo e como isso direciona nossa visão apenas para uma construção de dentro para fora (da lesão para significação), impelindo-nos a olhar para esse conceito como algo formado pela parcela de pessoas sem deficiência. Para tanto, a UPIAS<sup>3</sup> aparece como um grupo que primeiro liderou um debate extremamente relevante acerca da definição de deficiência, descrevendo-a como um mecanismo de opressão social e rejeitando definição médica e individualista formada ao longo dos anos.

Sendo assim, a construção do conceito central pelo qual todas as produções que vieram depois dos “*Disability Studies*” referir-se-ão a qual seja a definição como “a deficiência é algo imposto, sob a base de nossas lesões, pela maneira como somos desnecessariamente asilados e excluídos da plena participação na sociedade”. (UPIAS, 1976, p. 3-4 *apud* Mendes e Piccolo, 2013, p. 470). E por isso, o artigo se vale de uma ideia não mais sobre estereótipos e sim conceituais perceptivos sobre a temática.

O tema central passa pelo corpo no sentido perceptível, formador de subjetividade e experienciador do mundo, não de forma fragmentada, ou podemos chamar, mutilada, mas de uma instância da vivência presente nesse mundo vivido. O corpo completo, não pela soma das partes, mas pela superação de um olhar voltado para a lesão, como muitos pressupostos do *Disability Studies* afirmavam.

A teoria da deficiência envolveu a questão cartesiana da separação/integração entre mente e corpo, que mais tarde seria expandida para toda uma área de investigação: corpo e sociedade. A questão das diferenças sociais e dos problemas de apoio social forçou as sociedades a articular definições de deficiência e a desenvolver métodos para avaliar, contar e compreender a deficiência. Isto levou a definições de deficiência baseadas em problemas orgânicos incorporados no modelo médico, na construção social das teorias da diferença, nos modelos sociais de deficiência, nos modelos ambientais e genéticos, nas interpretações foucaultianas e outras interpretações pós-modernas, e nas modernas teorias político-econômicas do bem-estar. Esses temas, questões, teorias e políticas sociais relacionadas são abordados na primeira parte do livro. Eles fornecem a história e as estruturas que sustentam a compreensão dos estudos sobre deficiência. (Albrecht, 2001, p. 6, tradução nossa).

O percurso histórico de como internalizamos a questão da deficiência serve de fundamento para respondermos a problemática da construção desse modo de nos voltarmos a essas especificidades corpóreas. A dominação sobre eles vem de que comumente chamamos de normal e normativo dentro de padrões, como afirma Skliar, (2003, p. 158), “[...] A deficiência não é um problema dos deficientes e/ou de suas famílias e/ou dos especialistas. A deficiência está relacionada à ideia mesma de normalidade e à sua historicidade”. Assim, podemos reverter essa ideia com mais informações, conscientização e novos estudos em interlocução com o tema e áreas afins.

E por consequência, muitas vezes esse corpo é negado, como afirma também o filósofo Merleau-Ponty em seu livro *Fenomenologia da Percepção* (1999, p. 121) nos assegura que “a recusa da deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo, a negação implícita daquilo que se opõe ao movimento natural que nos lança a nossas tarefas, a nossas preocupações, a nossa situação, a nossos horizontes familiares”. Muitas vezes, a primeira percepção corporal que acontece na deficiência física é justamente a espera de uma resposta, e a evitação da pergunta, que no caso, de se perguntar ao corpo por uma reação do membro físico. Ou seja, a negação da existência.

Para Diniz (2012), a configuração de um corpo com deficiência acontece quando o contrastamos com um corpo sem deficiência e a questão da normalidade anteriormente mencionada, não descreve esse corpo, como poderíamos supor, mas corresponde a um preconceito e julgamentos justamente dentro desses padrões estéticos, normais e morais impostos por uma sociedade abjetal<sup>3</sup>. Dessa

3 Aqui fazendo referência ao termo “abjeto” já esclarecido na primeira nota de rodapé. (1)

forma, cabe uma nossa constituição e nossa prática dessa mudança para agirmos conforme uma nova perspectiva e percepção desses corpos, uma vez que, “é sempre possível argumentar a favor de ou contra uma interpretação, confrontar interpretações, arbitrar entre elas e procurar um acordo, mesmo se tal acordo ficar para além do nosso alcance imediato” (Ricoeur, 1976, p. 91). Ou seja, a partir de novas interpretações poderemos praticar novas significações e perceber que a deficiência é construída de fora para dentro, e quando esse fora (cultura, juízo de valor, preconceitos) passarem por essas construções não será mais imposto limitações ao corpo com deficiência física ou a nenhum outro.

De acordo com Passos (2020, p. 155), é preciso sair da lógica perversa social e culturalmente imposta pelos corpos normativos: as “prateleiras” superiores, as mais elevadas, estão reservadas para os corpos que importam. Os demais corpos têm com destino as “prateleiras” inferiores, às dos corpos “abjetos”. E podemos começar a parar essa imposição partindo de novas concepções sobre o corpo e do aprofundamento em alguns conceitos que veremos a seguir, como é o caso do corpo-próprio em Merleau-Ponty que servirá de base para o alcance dos objetivos propostos neste artigo e assim por em prática uma nova forma de estar no mundo e nas relações.

### PERCEPÇÃO COMO ESQUEMA CORPORAL EM MERLEAU-PONTY

Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo que nasceu na França, fez parte dos pensadores dessa corrente e desses seguidores de Husserl e teve nele fonte de pesquisa e influência em seus estudos. Nascido no dia 14 de março de 1908, estudioso da fenomenologia, formado na *École Normale Supérieure* em Paris. Merleau-Ponty trouxe para a fenomenologia uma nova visão, o da percepção. Essa corrente de pensamentos veio como resposta ao modelo científico válido para todas as ciências, inclusive a comportamental e laboratorial que a psicologia apresentava, de ser uma ciência do comportamento observável e das psicopatologias, da teoria do conhecimento e da lógica, na qual um único método poderia servir para todas as pessoas, através do rigor científico. E essa resposta se mostrou com o método fenomenológico proposto por eles.

Um de seus livros *A Fenomenologia da Percepção* publicado em 1945 veio como uma nova postura diante do fazer científico empirista e do intelectualismo presentes na filosofia e nas ciências humanas. Sua filosofia reconhece a construção do conhecimento, pela experiência, com o mundo vivido; pela relação do sujeito com o mundo através do corpo-próprio, cujo conceito não está na descrição de corpo fisiológico e sim na impressão e expressão do contato e da experientiação de uma consciência pré-reflexiva.

A percepção para esse filósofo, está vinculada ao corpo, mas não somente um corpo dotado de órgãos que só capta as coisas do mundo, isso acabaria retornando ao empirismo tradicional e se submetendo também ao pensamento clássico de corpo e percepção. Para ele, ela não ocorre por uma definição dos objetos, mas pelo nosso ato sensível e imediato com eles. Por isso, também, o filósofo não concorda com a separação sujeito e objeto, pois, a percepção acontece por meio dessa relação. Assim, sua noção sobre percepção se amplia, porque ela não é somente uma experiência do sujeito que percebe. Nas palavras do filósofo “Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. Portanto, a pura impressão não apenas é inencontrável, mas imperceptível e, portanto, impensável como momento da percepção” (Merleau-Ponty, 1999, p. 24).

O “corpo próprio” é o corpo que experimento a mim mesmo, o outro e o mundo. É aquele que afirmo ser meu próprio corpo. Nesse sentido, nem todos os movimentos do corpo humano é regido por leis físicas. Mas como um corpo, que realiza movimentos mecânicos, provocados por causas externas, pode expressar movimentos intencionais e constitui-se sujeito por meio de tais movimentos? Se o nosso corpo é capaz de realizar movimentos que não dependem exclusivamente de uma causa externa, podemos afirmar que ele pode desempenhar movimentos voluntários, que se originam das intenções, dos desejos e das vontades do próprio corpo. (Caminha, 2012, p. 39 *Apud* Souza, K; Souza, J., 2017, p. 50).

Essa explicação nos mostra uma crítica e uma amostra de como o corpo era encarado com passividade nas doutrinas empiristas e racionalistas e nos dá uma amostra de como essa definição põe em cheque a atividade corporal. O filósofo trabalha o tema do esquema corporal em todo seu trajeto, seja como uma visão de mundo, seja como uma nova forma do ser no mundo. Mas a noção de esquema corporal é ambígua, como todas as que surgem nas reviravoltas da ciência. Essas noções só poderiam

ser inteiramente desenvolvidas por meio de uma reforma dos métodos. Elas são primeiramente empregadas então em um sentido que não é seu sentido pleno, e é seu desenvolvimento imanente que demole os métodos antigos. Primeiramente, entendia-se por “esquema corporal” um resumo de nossa experiência corporal capaz de oferecer um comentário e uma significação à interoceptividade e à proprioceptividade do momento. (Merleau-Ponty, 1999, p. 144). O método científico o limita enquanto objeto, ao mesmo tempo que ele é o próprio significado que rompe com o mesmo.

O esquema corporal, para ele, traz esses dois pontos de ausência ou presença da imagem de uma parte do corpo. Ele nos mostra isso ao falar sobre o membro-fantasma. Quando se quer esclarecer o fenômeno do membro fantasma ligando-o ao esquema corporal do paciente, só se acrescenta algo às explicações clássicas pelos traços cerebrais e as sensações renascentes se o esquema corporal, em lugar de ser o resíduo da cinestesia costumeira, torna-se sua lei de constituição (Merleau-Ponty, 1999, p. 145). Ele rompe com os dois modelos de explicação, na qual a psicologia explica pela ótica da ausência do membro e sua representação sensível no processo de elaboração da perda e pela medicina que enfatiza a presença de uma lesão, cuja representação é cognitiva; as duas passam por um modelo objetivo. Por mais que vejamos partes do nosso corpo ele não é apenas um emaranhado de órgãos justapostas, pois não se trata de uma forma, mas de um todo sinérgico.

Para ele,

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir” (Merleau-Ponty, 1994, p. 308).

Vejamos então que “*os sentidos se comunicam entre si*” (Merleau-Ponty, 1999, p. 308, grifo do autor) pela possibilidade que o corpo-próprio nos oferece e isso nos possibilita ver o corpo como uma expressão de associações entre o sentido e o percebido em à potencialidade de um todo interligado, que por mais que haja alguma deficiência física, a percepção sobre ele não deve se limitar a uma parte, pois há uma potencialidade global. E isso nos ajuda a perceber a deficiência física não como limitação de algum funcionamento, pois o corpo não é um funcionamento de partes e sim uma potencialidade sinérgica.

Conforme Veríssimo (2012), podemos observar que a definição de esquema corporal<sup>4</sup> e de fenômenos sinérgicos obtém seu sentido completo quando os abordamos para além dos limites do pensamento objetivo e racional e essa definição ganha seu caráter intencional, pois o “esquema corporal” é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 147). Ele está em movimento que infere nossa materialidade carnal e existencial.

Ao falar da carnalidade dos movimentos, o filósofo escreve:

Quando pressiono minhas mãos uma contra a outra, não se trata então de duas sensações que eu sentiria em conjunto, como se percebem dois objetos justapostos, mas de uma organização ambígua em que as duas mãos podem alternar-se na função de ‘tocante’ e de ‘tocada’. Ao falar de ‘sensações duplas’ queria-se dizer que, na passagem de uma função à outra, posso reconhecer a mão tocada como a mesma que dentro em breve será tocante – neste pacote de ossos e de músculos que minha mão direita é para minha mão esquerda, adivinho em um instante o invólucro ou a encarnação desta outra mão direita, ágil e viva, que lanço em direção aos objetos para explorá-los. O corpo surpreende-se a si mesmo do exterior prestes a exercer uma função de conhecimento, ele tenta tocar-se tocando, ele esboça ‘um tipo de reflexão’, e bastaria isso para distingui-lo dos objetos, dos quais posso dizer que ‘tocam’ meu corpo, mas apenas quando ele está inerte, e, portanto, sem que eles o surpreendam em sua função exploradora (Merleau-Ponty, 1999, p. 137).

---

4 Com essa noção de esquema corporal, não é apenas a unidade do corpo que é descrita de uma maneira nova, é também, através dela, a unidade dos sentidos e a unidade do objeto. Meu corpo é o lugar, ou antes a própria atualidade do fenômeno de expressão (*Ausdruck*), nele a experiência visual e a experiência auditiva, por exemplo, são pregnantes uma da outra, e seu valor expressivo funda a unidade antepredicativa do mundo percebido e, através dela, a expressão verbal (*Darstellung*) e a significação intelectual (*Bedeutung*). Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral de minha “compreensão”. (Merleau-Ponty, 1999, p. 315). Aqui, objetivando uma interlocução dos conceitos.

Além de expressar o caráter ativo do corpo, ele nos ilustra a relação sujeito-mundo, na qual eu toco e sou tocada por ele, somos uma relação constante em um mundo percebido e não estamos separados dos acontecimentos, estamos em um mundo presente por outros nessa relação e nos percebemos nessa troca de “toques”, com nós mesmos e com os outros. E é nesse tocante-tocada que nosso esquema corporal se percebe e então conseguimos mais uma vez superar a dicotomia tradicionalmente imposta aos corpos. Somos inteiros, mesmo com alguma deficiência, nossos corpos ainda estão inseridos e tocados em um mundo tocante.

Partindo disso, encontramos dois termos que elucidam ainda mais a temática central do artigo. O corpo habitual e o corpo atual.

Merleau-Ponty (1999, p. 122-123) escreve que:

No caso que nos ocupa, a ambigüidade do saber se reduz ao fato de que nosso corpo comporta como que duas camadas distintas, a do corpo habitual e a do corpo atual. Na primeira, figuram os gestos de manuseio que desapareceram da segunda, e a questão de saber como posso sentir-me provido de um membro que de fato não tenho mais redundante em saber como o corpo habitual pode aparecer como fiador do corpo atual. [...] Percepções novas substituem as percepções antigas, e mesmo emoções novas substituem as de outrora, mas essa renovação só diz respeito ao conteúdo de nossa experiência e não à sua estrutura; o tempo impessoal continua a se escoar, mas o tempo pessoal está preso.

Essas duas possibilidades de perceber o corpo tornam possível a aceitação de uma deficiência, pois sem um corpo habitual não seria possível esse fio que o liga ao corpo atual e podemos ampliar para os casos cuja deficiência já estava presente desde o nascimento, a exigência por um corpo habitual, desse caso, ideal, vai de encontro ao atual, uma exigência externa de corpos sem deficiência. E isso nos leva a mais reflexões sobre o corpo vivido em um mundo percebido, no qual sofre com as dominações estéticas e padronizadas de um corpo ideal, no qual percebem o esquema corporal de forma morfológica e não como uma experiência subjetiva e inteira primordial ao se relacionar com outros corpos. Assim, notamos a relevância de irmos desconstruindo e construindo a maneira pela qual olhamos e nos olhamos como corpos ativos e perceptíveis no mundo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de todo esse cenário acerca do corpo vimos que a concepção merleau-pontyana visa redefiní-la, retificando o papel coadjuvante que lhe foi atribuído pela filosofia clássica e por todo o modelo clássico de nomeá-lo e estudá-lo para lhe ter uma colocação de originalidade na dinâmica do debate, propondo uma acepção não abjetificada e indissociável entre o corpo e o mundo percebido por ele. O mesmo ainda acontece na contemporaneidade.

Podemos compreender que a questão do corpo é muito intrigante e debatida em vários campos do conhecimento, o que não seria diferente na filosofia. Cada uma delas aborda de maneiras diferentes, porém, a maioria ainda olha para o corpo como um objeto, ou algo meramente físico, inclusive algumas doutrinas filosóficas também. Os conceitos do filósofo Merleau-ponty nos trazem uma possibilidade de olhar o corpo, para além de uma visão médica dualista ou psicológica, mas como uma instância no contato com o mundo, constituído na relação e na experiência, um corpo-próprio dotado de esquema corporal e de percepção. E com isso torna também possível olharmos os corpos no mundo, como o corpo com deficiência física e seu esquema corporal fenomenológico diante de uma sociedade impositiva e focada em significar a lesão. E com essa desconstrução de conceitos e significados poderemos renovar nosso olhar para a pessoa com deficiência física e para todas as outras abjetadas no mundo.

### REFERÊNCIAS

ALBRECHT, G. L. **Handbook of disability studies**. By Gary L. Albrecht, Katherine D. Seelman, and Michael Bury, Sage Publications, Inc. International Educational and Professional Publisher, Thousand Oaks/ London/ New Delhi, 2001.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

MENDES, E. G; PICCOLO, G. M. Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 123, pp. 459-475, abr-jun, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/qGCqpQ4xNn3fkNQ48DZrxZj/abstract/?lang=pt>.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEPOMUCENO, M. F. **Apropriação no Brasil dos estudos sobre deficiência: uma análise sobre o modelo social**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

PASSOS, F. A nudez da pessoa com deficiência: por uma nova estética antinormativa. **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 6, pp. 148-164, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/106897>.

RODRIGUES, C; GRUMAN, P. Do abjeto ao não-enlutável: o problema da inteligibilidade na filosofia de Butler. **Anuário Antropológico** [Online], v. 46 n. 3, 2021, posto online no dia 28 setembro 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/8933>.

SKLIAR, C. B. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". **Revista Ponto de Vista**. Florianópolis, n. 05, pp. 37-49, 2003a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1244>.

SOUZA, K. T. A; SOUZA, J. F. C. Corpo-próprio: de corpo-objeto à corpo-sujeito em Merleau-Ponty. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 8. n. 2, p. 48 -56, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/32509/18351>.

VERISSIMO, D. S. A noção de esquema corporal na filosofia de Merleau-Ponty: análises em torno da Fenomenologia da percepção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 12(1), pp. 205-225, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v12n1/v12n1a12.pdf>.

